REAL FÁBRICA DE LOUÇA, AO RATO

26

A Real Fábrica de Louça, ao Rato, foi uma fábrica de cerâmica, ao Largo do Rato, mandada fundar pelo Marquês de Pombal, que laborou de 1767 a 1835 e foi pioneira em Portugal na fabricação moderna de cerâmica, que veio substituir as olarias artesanais que até então existiam. Após o período em que foi dirigida por Sebastião de Almeida, entre 1771 e 1779, a pintura de azulejos passou a ser dirigida por Francisco de Paula e Oliveira, que até meados dos anos 1820 deixou uma obra bastante vasta e de excelente qualidade.

Nos anos 1780, deu-se uma profunda transformação na arte portuguesa, com a substituição da arte Rococó por uma nova linguagem Neoclássica, mais depurada e gráfica. A Coleção Berardo possui um notabilíssimo acervo deste período, sendo de destacar o valioso conjunto de obras de Francisco de Paula e Oliveira, a grande diversidade de silhares ornamentais e um grupo de registos igualmente vasto e muito representativo.

De especial destaque são os quatro painéis provenientes do Mosteiro de Santa Maria de Refóios do Lima, do início do século XIX, conjunto da autoria de Francisco de Paula e Oliveira parcialmente disperso após 1934. Os dois painéis figurativos, que estavam aplicados na Sala *De Profundis*, estão enquadrados por monumentais estruturas arquitetónicas policromas e representam cenas alusivas à fundação e história do edifício [101-256 e 101-257]. Dois outros painéis, igualmente notáveis e da mesma proveniência, faziam parte da decoração do refeitório, formados por pedestal marmoreado e um alto espaldar recortado, centrado por um pequeno painel, preenchido por ornatos neoclássicos livres, com fitas e ramagens pintadas em policromia sobre fundo amarelo [101-254 e 101-255].

101-256

101-254

Muito originais são os três silhares de temática religiosa, centrados por cartelas encimadas por três cabecinhas de anjos azuis (frequentes na obra de Francisco de Paula e Oliveira) e preenchidas por simbologia alusiva à *Paixão de Cristo*, com a legenda «I.N.R.I. e os Três Cravos» [101-859] e a «Cana e as Chibatas» [101-722], nos menores; e um «Tambor encimado por Dados», [101-1529], no mais extenso.

A coleção de registos neoclássicos é igualmente notável pela variedade decorativa e qualidade dos mesmos, verificando-se o carácter repetitivo das imagens de alguns dos mais populares santos representados. Ainda da fase de transição, do final dos anos 1780, o registo de *Nossa Senhora do Carmo* [101-247], legendado «P.N. AUE MARIA PELAS ALMAS», mostra uma estrutura arquitetónica, na qual a imagem aparece como um quadro integrado, ainda com vestígios de concheados no remate e na base, podendo ser atribuído a Francisco Jorge da Costa.

O conjunto de registos datados das duas décadas iniciais do século XIX forma uma sequência extremamente importante para a evolução e cronologia da época, sendo todos obras características de Francisco de Paula e Oliveira, que esteve ativo na Real Fábrica de Louça, ao Rato, até 1821. O registo datado de 1802 é uma excecional e elaborada peça, na qual uma moldura elíptica envolve *Nossa Senhora da Conceição*, ladeada, em cartelas sobre pedestais, por *São José com o Menino* e *São Marçal*, encimados por um dilatado cesto florido central e duas jarras dos lados, recortados [101-253].

De todos os registos neoclássicos expostos, o de *Santo António* [101-4241], datado de 1817, obra inconfundível de Francisco de Paula e Oliveira, é o mais espetacular e invulgar, pela sua dimensão.

101-859

101-253

101-4241